

VILA NOVA DE FAMALICÃO (Landim)

Landim é uma freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, e o mosteiro dista cerca de 9 km da sede do concelho. Para se chegar à igreja do mosteiro de Santa Maria de Landim sair de Famalicão, seguir pelas N14 e N204 para a N204-5 em Ávidos. Virar depois na alameda do mosteiro e a igreja encontra-se no fundo à esquerda, no topo sul do Largo da Feira.

O mosteiro tem ainda hoje um enquadramento rural mas, junto à igreja edificaram-se algumas construções recentes, como a casa paroquial e a junta de freguesia. Pela sua cerca estendem-se numerosas terras cultivadas e uma magnífica mata de carvalhos, faias, acácias e medronheiros. As Memórias Paroquiais de 1758 registam que na freguesia se produzia centeio, milho, milho alvo e vinho verde e é atravessada pelo rio Pel, que tem várias pontes ao longo da freguesia de Landim.

Mosteiro de Santa Maria

SEGUNDO BERNARDO VASCONCELOS E SOUSA, a referência documental mais antiga e mais segura ao mosteiro de Santa Maria de Landim parece ser de 1096, data em que o cenóbio aparece com a designação de Santa Maria dos Anjos, sendo o seu prior D. Pedro Rodrigues.

A fundação do mosteiro deve remontar aos inícios do século XII, a D. Gonçalo Rodrigues da Palmeira, filho do Conde Rodrigo Forjaz de Trastâmara, da linhagem da Casa de Trava, que fora companheiro de armas do Conde D. Henrique, pai de D. Afonso Henriques. D. Gonçalo



*Exterior. Perspetiva
geral da igreja.
Alçados este e norte*



Adro (lado sul da igreja). Vestígios de arquivoltas

Alçado norte. Contraforte com um friso com enxaquetados



Rodrigues terá fundado o primitivo *monasterio de Nandim*, tendo-o dotado mais tarde com o domínio de Palmeira, que lhe foi coutado por D. Teresa e D. Afonso Henriques, em 1127 e 1142, respetivamente. O mosteiro de Landim passa a fazer parte do couto de Palmeira e a sua justiça a ser exercida pelo prior do mosteiro.

Em 1140 o mosteiro terá aderido à Regra e Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, estando anteriormente sujeito à tradição da liturgia hispânica. Em 1168, D. João Peculiar, arcebispo de Braga, sagrou a nova igreja do mosteiro. Em 1177 morre D. Gonçalo Rodrigues e os seus filhos confirmam a doação feita por seu pai, do couto de Palmeira ao mosteiro. De 1191, data a inscrição funerária de Pedro Mendes, gravada em tampa de sepultura existente no adro da igreja paroquial e atualmente nos jardins a norte da igreja, enquadrada por dois campos quadrangulares com motivos românicos inseridos em círculos, um entrelaçado e uma roseta de oito pétalas, onde se lê, segundo Mário Barroca, no campo central:

VIº KALENDARVM OCTOBRI OBIIT / PETRVS MENENDI DE VLVAR /
ERA M CC XX VIII

Mário Barroca identificou mais uma inscrição tumular da igreja do mosteiro de Landim, atualmente desaparecida, mas da qual apenas se conhece a natureza do suporte e as dimensões. A leitura apresentada por este autor é a seguinte *Vir Bonus Et Rectus Iacet Hic Sub Marmore Tectus / Obit*

Kal. Martii Petrus Garcie Prior E. MCCXXXVI, tratando-se de uma inscrição funerária, em verso, de D. Pedro Garcia, que fora prior do mosteiro de Landim e que, segundo alguns autores antigos, terá morrido com fama de santidade.

Segundo as Inquirições de D. Afonso II, de 1220, os bens do mosteiro estavam na terra de Vermoim, que detinha diversos casais dispersos por várias freguesias e quatro igrejas. O prior do mosteiro, D. Miguel, e outras testemunhas asseveram que o rei não detinha aí qualquer reguengo, não recebia qualquer foro, nem era patrono. As Inquirições de 1258, de D. Afonso III, registam que, para além dos bens já referidos anteriormente, foram acrescentados alguns casais. Nestas Inquirições aparece designado, pela primeira vez, o *Monasterio de Sancte Marie de Nandim*. O prior, Pedro Eanes, declara que o rei não era patrono nem recebia aí qualquer coleta e que o mosteiro fora coutado por D. Teresa, cujo documento se encontrava no mosteiro.

No Censual do Cabido do Porto há várias referências ao mosteiro de Landim e seus cônegos. Por exemplo, João Peres, cônego de Landim, figura entre as testemunhas da doação que Fernando Eanes faz do padroado da igreja de São Vicente de Pereira ao bispo e cabido do Porto, em 1242. De 1264 data uma composição realizada entre o bispo do Porto e o mosteiro de Landim relativa à apresentação da igreja de São Bartolomeu de Ervosa.

Este mosteiro de Landim está também contemplado em inúmeros testamentos e legados pios. No seu testamento redigido em março de 1268, D. Egas Fafe, arcebispo de Compostela e antigo bispo de Coimbra, determina que o mosteiro de *Nandym* receba quinze libras para *pitancia*. D. Gonçalo Gonçalves, chantre do Porto e de Coimbra, deixa em testamento de 1282, ao mosteiro de "Nandim" alguns bens, entre os quais um cálice de um marco. O testamento que D. Abril Peres, cônego do Porto e abade de Cedofeita fez em 1295, tem vários bens deixados a Landim. O mesmo se verifica no testamento que D. Sancho Peres, bispo do Porto, fez em 1298. Martinho Eanes Barrosas, cônego de Braga e reitor da igreja de São Pedro de Este, em testamento redigido em 1325, deixa ao mosteiro de *Nandim* uma libra *in perpetuum*.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros de 1320, o mosteiro de Landim aparece taxado em 1 435 libras, valor elevado e muito superior aos restantes mosteiros e igrejas da zona, o que é revelador da dimensão do seu património dominial.

De 1329, data a inscrição funerária de D. Lourenço Rodrigues, abade de Santiago de *Monte Ulvaris*, gravada em tampa de sepultura existente no jardim junto à fachada lateral da igreja. A percorrer todo o eixo central da tampa, cortando a inscrição, tem uma enorme cruz losangular de

braços curvos rematados por motivos florais e base semi-circular. A leitura proposta por Mário Barroca é:

ERA : M^a : CCC^a 2XVII : Q(u)INT(as) : KaLendas : FEBRUARI /
: OBIIT : LAURE(n)CIus : ROD(er)ICI : / : Q(uond)DA(m) (?)
: ABbas : S(an)C(t)I : IACOBI : M(o)NT / : IS (?) : ULVARI :
REQ(u)IESCAT : In PACE :

Em finais do século XV, o mosteiro deixa de ser administrado por priores, passando a ser dirigido por comendatários. Sob a égide do comendatário D. Miguel da Silva (1526-1529), inicia-se a grande transformação arquitetónica e artística do mosteiro, em particular a nova fachada principal da igreja, a torre sineira, a nave colateral e o claustro.

Em 1562 o mosteiro é unido à Congregação de Santa Cruz de Coimbra e passa a ser dirigido por abade trienais até à sua extinção, em 1770, pelo breve de Clemente XIV *Sacrosanctum Apostolatus Ministerium*.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 era declarado que o orago do mosteiro era Nossa Senhora da Assunção e a igreja e o mosteiro tinham seis altares.

Interior. Abside





Interior. Abside. Muro norte. Arcos entaipados

Interior. Abside. Muro norte. Arcos entaipados. Pormenor



Dois anos após a extinção (1834), Manuel Batista Landim adquiriu o mosteiro e respetiva cerca por 30 mil cruzados. A propriedade permaneceu nas mãos dos seus descendentes até à atualidade.

A profunda intervenção realizada por D. Miguel da Silva no século XVI explica a parca existência de vestígios da época românica. O complexo monástico de Landim conserva ainda a organização espacial mediev, composto por igreja com nave única e capela-mor retangular e claustro a sul, em torno do qual se organizam as estruturas monásticas, edificadas ao longo da época moderna. Assim, a identificação dos vestígios românicos no mosteiro de Landim não é tão imediata numa primeira observação do conjunto edificado.

A nível do exterior da cabeceira, ampliada durante a época moderna, como vestígios da época românica identificam-se, no seu alçado norte, a persistência de um contraforte de ressalto e de silhares que comporiam um friso com enxaquetados. Mas é na nave principal que persistem mais testemunhos da fábrica mediev, de que se destaca, apesar de seguramente intervencionado numa cronologia mais recente, uma cornija sobre arquinhos e que sustenta o telhado de duas águas. Da mesma cronologia aparentam ser os silhares do paramento da nave lateral, atendendo não só à sua esquadria, que conforma um aparelho

pseudo-isódomo, como também confirma a presença de uma cruz pátea gravada num dos silhares, modelo muito utilizado durante a época românica para as cruzes de sa-gração das igrejas. A cruz terminal da nave, sobre o arco cruzeiro, é da época românica, vazada e inscrita em círcu-lo. No espaço ajardinado, fronteiro ao alçado sul da igreja encontramos três arquivoltas, sendo a central mais eleva-da. As arquivoltas são ornadas com o motivo das meias es-feras e rematadas por toro. O mais certo é terem pertenci-do a um ou a vários portais da época românica.

A capela-mor, apesar de ampliada na época moder-na para acolher o retábulo-mor em talha dourada, estilo nacional, e restante mobiliário litúrgico, conserva os mais significativos vestígios românicos da igreja. Abobadada, é definida por dois tramos, que um arco toral delimita. Este arco assenta sobre capitéis vegetalistas e fitomórficos a que seguramente corresponderiam colunas embebidas no para-mento e que, entretanto, foram removidas. A imposta, on-de se representa o motivo da hera estilizada, prolonga-se pela capela-mor ao modo de friso. Os paramentos da cape-la-mor são compostos por dois registos, sendo o superior rasgado por vãos de iluminação. No lado da Epístola persis-tem ainda duas frestas abocinadas, da época românica. No registo inferior vêem-se arcadas cegas, hoje embebidas no paramento e em parte truncadas pelos arranjos posteriores. Compostas por aduelas lisas, estas arcadas destacam-se pe-lo seu tom ocre que se estende a todo o conjunto, incluindo capitéis e colonelos que as sustentam. Os capitéis são orna-dos com motivos animalistas e vegetalistas. Na quinta do mosteiro há capitéis avulsos que pertenceram à fábrica ro-mânica. Alguns deles são em calcário, com temas ao modo de Coimbra, do século XIII, certamente elaborados na área do Mondego. Em alguns silhares dos paramentos da cabe-ceira ainda são visíveis siglas. Apesar do aparato e da escala da capela-mor de Landim, uma observação atenta permi-te identificar outras cicatrizes nos paramentos e aventar a adaptação da capela-mor românica ao seu estado atual. Na nave central persiste a planimetria da época românica e no paramento do lado da Epístola, apesar da existência de um painel azulejar no seu terço inferior, conserva-se o aparelho românico e frestas abocinadas idênticas às da cabeceira. O alçado do Evangelho foi totalmente transformado com o acrescento da nave lateral.

Atualmente, o mosteiro de Landim encontra-se em muito bom estado de conservação, sendo de propriedade particular, e usado para a organização de eventos. A igreja é propriedade da Igreja Católica, é paroquial e está afeta ao culto.

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 2001, pp. 74 e 107; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 193 (de 1191, setembro, 26), Insc. n.º 206 (de 1198, março, 1), Insc. n.º 570 (de 1329, janeiro, 28); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 220 (de 1191, setembro, 26), Insc. n.º 234 (de 1198, março, 1); CASTRO, M.F., 1995, pp. 3-6, 9-13, 15, 20-21 e 23-28; CASTRO, M.F., 2004, pp. 23-33; CEN-SUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, pp. 239-240, 344-345, 403-404, 413-414 e 439; COSTA, A., 1929-49, VII, pp. 314-316; COSTA, A.C., 1706-12, I, pp. 330-331; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 48-49; DHRP, 2000-01, I, p. 430, *sv*. "Cónegos Rerantes de Santo Agostinho" (Saul António Gomes); FARIA, E.M.S.N. e MARTINS, A., 2002, pp. 9, 13, 33-44 e 51-55; MARQUES, J., 1988, pp. 738-740; MARTINS, A. e FARIA, E.N., 2002; MEM. PAROQ. 1758 (2003), pp. 487-488; MOSTEIRO DE LANDIM, HISTÓRIA; PMH, INQ., pp. 67-68, 160, 204, 255-256 (de 1220) e 1462-1463 (de 1258); SIPA; SOUSA, B.V., 2016, pp. 198-199; TELES, S. *et alii*, 2009, pp. 9-13; TEST. ECC. PORT., doc. n.º 1.49 (de 1325, abril, 25), p. 226, doc. n.º 2.28 (de 1268, março, 8), p. 303, doc. n.º 7.6 (de 1282, abril 14), p. 544, doc. n.º 7.7 (de 1295, maio, 8), pp. 548-551, doc. n.º 7.9 (de 1298, novembro, 20), p. 563.

